

RESUMO - CIÊNCIAS DA SAÚDE

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA AUTOMEDICAÇÃO COM PSICOFÁRMACOS: IMPLICAÇÕES PARA A QUALIDADE DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL

Vitoria Do Carmo Frejoli (vitoriacfrejoli@gmail.com)

Suellen Assad (suellen.assad@uniredentor.edu.br)

Nas últimas décadas, o cenário da saúde mental tem sido marcado por um crescimento expressivo no consumo de psicofármacos. Esse fenômeno é impulsionado tanto pelo refinamento dos diagnósticos de transtornos mentais quanto pela maior facilidade de acesso a essas substâncias. Este comportamento se torna mais complexo com a ascensão da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de autodiagnóstico. Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo analisar a utilização da Inteligência Artificial no processo de automedicação com psicofármacos, identificando os fármacos mais recorrentes nessa prática. Tratou-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, com estudantes de um curso de medicina. Submetida e aprovada ao Comitê de ética e Pesquisa CAAD nº90614725.1.0000.5648. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas fundamentadas em um roteiro de questionário semiestruturado, e a análise dos dados foi conduzida através da técnica de Análise de Conteúdo, com a organização das informações em categorias discutidas à luz da literatura da perspectiva de Bardin. Os resultados do estudo demonstraram ampla utilização de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) entre estudantes de medicina, associada a elevada prevalência de automedicação com psicofármacos. A

amostra foi composta por 35 participantes, predominantemente do sexo feminino, com faixa etária entre 18 e 51 anos e maior concentração em torno dos 20 anos. Observou-se que 71,4% dos participantes já utilizaram IA, principalmente para busca de informações gerais, identificação de sintomas psicológicos, alternativas terapêuticas e pesquisa sobre diagnósticos ou medicamentos. Os principais motivos para recorrer à IA em vez de profissionais de saúde foram rapidez no acesso às informações e ausência de custos. Em relação aos psicofármacos, 42,9% relataram prática de automedicação, destacando-se benzodiazepínicos, antidepressivos e psicoestimulantes. Parte dos participantes adquiriu medicamentos sem prescrição ou por meios informais, incluindo o uso de remédios de terceiros. Entre os efeitos adversos descritos estavam irritabilidade, insônia, taquicardia, sonolência, pensamento acelerado e dependência. Apesar disso, apenas pequena parcela afirmou seguir orientações medicamentosas fornecidas pela IA, indicando que a tecnologia é utilizada mais como fonte de informação do que como instrumento decisório. A análise qualitativa organizou os dados em três categorias: medicamentos utilizados e efeitos percebidos; adesão ao tratamento e contribuição da IA no cuidado da saúde mental; e riscos da automedicação. A categoria mais frequente foi a dos riscos da automedicação, evidenciando reconhecimento crítico dos participantes acerca dos perigos clínicos, farmacológicos e comportamentais envolvidos. Nesse contexto, a automedicação permanece naturalizada mesmo entre estudantes com conhecimento técnico, revelando lacunas na formação médica relacionadas ao uso racional de medicamentos e ao letramento em saúde digital. O estudo conclui que a IA atua como ferramenta complementar, porém incapaz de substituir avaliação clínica, empatia e vínculo terapêutico, reforçando a necessidade de formação crítica e ética sobre tecnologias digitais na medicina. Conclui-se que a IA já está integrada ao cotidiano acadêmico destes estudantes de medicina, embora sua legitimidade como ferramenta de decisão clínica em saúde mental ainda seja vista com cautela.

Palavras-chave: inteligência artificial; automedicação; psicofármacos; educação médica; saúde digital; ensino.